A SEDA COMO CAMINHO PARA A SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA RURAL: ENTRE A MODA E O ARTESANATO

SILK AS A PATH TO RURAL ECONOMIC SUSTAINABILITY: BETWEEN FASHION AND CRAFTS

Paula Piva Linke
ORCID
UEM
pplinke2@uem.br

Silvia Mara Bortoloto Damasceno Barcelos
ORCID
UEM
smbdamasceno@uem.br

PROJÉTICA

DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LINKE, Paula Piva; DAMASCENO, Silvia Mara Bortoloto. A Seda como Caminho para a Sustentabilidade Econômica Rural: Entre a Moda e o Artesanato. **Projetica**, Londrina, v. 17, n. 1, 2026. DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.53052. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/53052.

DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.53052

Submissão: 2025-05-19

Aceite: 2026-01-14

Resumo: O artigo investiga o potencial da produção de seda como alternativa sustentável para o desenvolvimento econômico de comunidades rurais, articulando os campos da moda, artesanato e sustentabilidade. A pesquisa destaca como o cultivo da seda e sua transformação em produtos artesanais e de moda podem valorizar saberes tradicionais, gerar emprego e renda, e promover inclusão social, especialmente entre mulheres. Por meio de revisão bibliográfica e análise de projetos já existentes, as autoras demonstram que a seda natural, além de seu valor estético e simbólico, apresenta vantagens ecológicas e socioeconômicas significativas. O texto também explora a intersecção entre design autoral, identidade cultural e práticas colaborativas como meios de fortalecimento da cadeia produtiva local. A produção artesanal da seda é vista como um caminho de reconexão com o território, ressignificação do fazer manual e resistência à lógica produtivista da moda industrial. O artigo defende, assim, uma abordagem integrada, em que o uso consciente dos recursos naturais e o respeito aos modos de vida locais se aliam à criatividade e à inovação para gerar um modelo econômico mais justo, resiliente e sustentável. A proposta ressalta a importância de políticas públicas, capacitação técnica e incentivo a parcerias entre designers, artesãos e agricultores para o sucesso da iniciativa.

Palavras-Chave: sericicultura; moda sustentável; artesanato.

Abstract: *The article explores silk production as a sustainable alternative for rural economic development, linking fashion, craftsmanship, and sustainability. It highlights how natural silk, through artisanal and fashion transformation, can enhance traditional knowledge, promote social inclusion, especially for women, and provide ecological and socioeconomic benefits. The study emphasizes the importance of authorial design, cultural identity, and collaborative practices to strengthen local production chains. Advocating for an integrated approach, it calls for public policies, technical training, and partnerships between designers, artisans, and farmers to create a more just, resilient, and sustainable economic model.*

Keywords: *sericulture; sustainable fashion; craftsmanship.*

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre desenvolvimento sustentável e sistemas produtivos; entretanto, a dinâmica contemporânea de produção e consumo de recursos naturais tem acelerado o processo de esgotamento ambiental. Diante desse cenário, torna-se imperativo repensar os modelos produtivos e adotar estratégias capazes de reduzir de maneira significativa os impactos ambientais e sociais.

A cadeia produtiva têxtil está entre as mais ambientalmente impactantes, abrangendo desde a fabricação das fibras até o descarte dos produtos no pós-consumo. Ao longo de suas etapas, observa-se o uso intensivo de substâncias químicas tóxicas e de grandes volumes de água, fatores que agravam a poluição do solo e dos recursos hídricos. Mesmo fibras naturais, como o algodão, podem causar efeitos adversos em larga escala, especialmente devido ao uso intensivo de agrotóxicos e irrigação (Bem; Linke, 2023). Nesse contexto, torna-se fundamental a busca por alternativas mais sustentáveis para mitigar esses impactos.

A sericicultura desponta como uma possibilidade produtiva mais alinhada aos princípios da sustentabilidade, apresentando menor impacto ambiental e oferecendo oportunidades para o aproveitamento de seus subprodutos. Segundo Altman et al. (2022), quando bem gerida, essa atividade se configura como uma indústria quase inteiramente sustentável. Além disso, a proteína da seda, a fibroína, é biodegradável e tem potencial para substituir derivados petroquímicos em diversas aplicações, como nas áreas da saúde, cosméticos e biomedicina, entre outras.

Os subprodutos da sericicultura podem ser reaproveitados em diferentes ciclos produtivos, favorecendo práticas de economia circular (Mushtaq, 2023). Entre os desafios enfrentados pelo setor está a valorização do trabalho do produtor rural e a viabilização de novas fontes de renda, especialmente em pequenas propriedades. Nesse sentido, o aproveitamento de casulos de seda de segunda qualidade,

tradicionalmente desvalorizados, por meio do artesanato constitui-se como uma oportunidade de articulação entre moda, sustentabilidade e desenvolvimento rural.

Diante desse contexto, a questão que orienta esta pesquisa é: De que maneira o aproveitamento de casulos de seda de segunda qualidade, por meio do artesanato, pode contribuir para a sustentabilidade econômica e social de pequenas propriedades rurais sericícolas? A partir dessa indagação, este artigo propõe analisar a produção artesanal com casulos de segunda qualidade como alternativa viável para a valorização da atividade sericícola, considerando que, quando processados localmente, esses materiais podem constituir fonte complementar de renda.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental e observação participante em comunidades produtoras de seda no estado do Paraná, Brasil. Essa metodologia busca compreender as inter-relações entre produção artesanal, moda e sustentabilidade no contexto da sericicultura familiar.

Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura sobre sustentabilidade, economia criativa, artesanato, moda e cadeias produtivas da seda, com ênfase nas práticas desenvolvidas em contextos rurais. Parte das informações analisadas decorre da pesquisa de Barcelos (2020), intitulada “Modelo de desenvolvimento integrado de sustentabilidade: análise de ciclo de vida da seda no sistema de valor da moda”, por meio da qual foi possível compreender o processo de produção da seda e a relevância dessa atividade para os sericicultores.

Com base nesse levantamento, o artigo está organizado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira, “A produção da seda”, apresenta um panorama da atividade sericícola no Paraná. A segunda, “Sericicultura e sustentabilidade”, discute as contribuições da prática para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Por fim, a terceira seção, “O artesanato e a seda de segunda qualidade”, examina as possibilidades de aproveitamento

artesanal desses materiais como estratégia de agregação de valor à cadeia produtiva da seda.

A PRODUÇÃO DA SEDA

A seda é tradicionalmente associada à sofisticação e à elegância no setor da moda, destacando-se das demais fibras por suas propriedades singulares (Misachi, 2017). Trata-se de um material altamente valorizado e amplamente empregado no desenvolvimento de diversos produtos, que abrangem desde o vestuário até itens de cama, mesa, banho e acessórios.

A seda é um material utilizado pela humanidade desde períodos remotos, desempenhando papel relevante em diferentes contextos culturais e históricos. É uma atividade que tem início com o cultivo da amoreira (Morus alba), árvore que oferece alimento para o bicho-da-seda, e se conclui na produção de fios de seda de alta qualidade e outros produtos derivados, como alimentos ricos em proteínas (Altman, 2022). Essa produção é relevante em diversos países do mundo, inclusive no Brasil.

De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral, 2021), o Brasil é o único produtor de seda no Ocidente, ocupando a sétima posição no ranking mundial. Nesse contexto, o estado do Paraná se destaca como principal polo nacional, abrangendo 170 municípios e aproximadamente 2.000 famílias envolvidas na atividade.

No Brasil, a sericicultura configura-se como uma atividade integrada entre indústria e produtores rurais, envolvendo desde o cultivo da amoreira (Morus sp.) até a produção dos casulos, passando pela criação do bicho-da-seda, desde a fase de ovos até a fase larval em campo (Santos *et al*., 2016). O modelo de integração pressupõe a atuação de empresas de fiação que, ao identificarem regiões propícias à atividade, estabelecem parcerias com produtores locais. Essas empresas são responsáveis pela produção e fornecimento de mudas de amoreira e de lagartas em

estágio avançado, além de garantirem a compra dos casulos a preços de mercado. O Estado do Paraná, por meio de programas governamentais, também participa ativamente, disponibilizando linhas de crédito específicas para novos produtores (Santos *et al*., 2016).

Nesse modelo, os sericicultores tornam-se parceiros da empresa, da qual dependem para o fornecimento de insumos e para a comercialização da produção. O governo estadual, por sua vez, desempenha um papel estratégico ao viabilizar o acesso a crédito e fomentar políticas públicas de incentivo à sericicultura (Santos *et al*., 2016).

O perfil do sericicultor paranaense é predominantemente composto por famílias que desenvolvem a atividade em regime de agricultura familiar. A renda mensal desses núcleos provém, em grande medida, da produção de casulos, sendo que as unidades familiares costumam variar entre duas e cinco pessoas. Na safra de 2017/2018, o estado registrou 1.867 produtores ativos (Sericicultura, 2018).

Em 2022, o número de produtores voltou a crescer, e o Departamento de Economia Rural do Estado (Deral, 2022) apresentou um balanço do setor indicando, porém, uma redução na produção de casulos. Esse declínio foi atribuído à estiagem e ao uso excessivo de agroquímicos em propriedades rurais vizinhas, fatores que comprometem o desenvolvimento do bicho-da-seda e, consequentemente, a produtividade da sericicultura. Apesar desse cenário, o Paraná permanece como o maior produtor de casulos de bicho-da-seda do país, respondendo por 83,9% da produção nacional. A atividade concentra-se predominantemente na região Noroeste do estado, onde o município de Nova Esperança se destaca como principal produtor, seguido por Diamante do Sul, Cândido de Abreu e Astorga.

De acordo com Mushtaq *et al*. (2023), a sericicultura constitui uma atividade de relevante impacto socioambiental, uma vez que promove a geração de empregos rurais estáveis, contribui para o incremento da renda familiar e favorece a preservação ambiental.

Além disso, destacam-se o baixo risco inerente à atividade, a reduzida necessidade de capital de giro, a relação de cooperação estabelecida com a indústria, principal fornecedora de larvas e mudas de amoreira, bem como compradora dos casulos, e seu alinhamento com práticas produtivas limpas, economicamente viáveis e orientadas para o comércio internacional. A sericicultura é reconhecida como uma das principais alternativas de diversificação produtiva no âmbito da agricultura familiar, contribuindo para a permanência das populações no meio rural, mitigando o êxodo para áreas urbanas e assegurando a manutenção da renda familiar (Barcelos, 2020; Cirio, 2014; Pennacchio, 2016).

Em relação à produção, Barcelos (2020) enfatiza que, devido à fragilidade dos casulos e à limitação tecnológica envolvida, tal processo demanda pouca, porém cuidadosa, mão de obra, o que restringe a mecanização e requer condições edafoclimáticas específicas, com temperatura e clima favoráveis.

Nessas condições, ressalta-se que, quanto menor a área cultivada, maior tende a ser o nível de atenção dispensado ao manejo da plantação — incluindo práticas de adubação e cuidado fitossanitário —, o que se traduz em maior produtividade e eficiência (Amorim *et al*., 2006; Panucci-Filho; Chiau; Pacheco, 2011). Essa característica torna a sericicultura não apenas uma atividade economicamente viável, mas também uma estratégia relevante de diversificação produtiva em pequenas e médias propriedades rurais (Mushtaq *et al*., 2023), ao mesmo tempo em que fornece matéria-prima de elevada qualidade e reduzido impacto ambiental para a indústria têxtil (Pennacchio, 2016).

SERICICULTURA E SUSTENTABILIDADE

A indústria têxtil, embora marcada por tradição e elevada complexidade, é igualmente reconhecida pelos expressivos impactos ambientais que gera ao longo de toda a cadeia produtiva, abrangendo inclusive a etapa de consumo (Diddi *et*

al., 2019). Esses impactos decorrem tanto da poluição gerada nos processos de fabricação quanto do uso intensivo de recursos naturais, como apontam Bem e Linke (2023). Entre os principais problemas estão a contaminação do solo, do ar e da água, bem como a produção em larga escala de efluentes e resíduos sólidos (Berlim, 2012).

Além disso, o setor enfrenta limitações quanto à reciclagem de materiais e à adoção de práticas produtivas mais limpas, dificuldades que são intensificadas pelo modelo de produção e consumo em massa, responsável por acelerar o esgotamento dos recursos naturais e perpetuar padrões insustentáveis. Nesse contexto, a produção de seda apresenta-se como uma alternativa ambiental e comercialmente viável, oferecendo caminhos potencialmente menos impactantes para o meio ambiente.

Diante dos impactos negativos associados aos métodos convencionais de produção têxtil, autores como Linke (2021) destacam a necessidade de buscar alternativas mais sustentáveis, especialmente no setor da moda, no qual a fibra de seda possui expressiva relevância. Esse setor passou por uma significativa expansão nas últimas décadas, impulsionado por lançamentos constantes e por tendências de curta duração, que estimulam padrões de consumo acelerado. O modelo de fast fashion, em particular, promove a produção de peças de baixo custo e rápida obsolescência, contribuindo para o aumento substancial do volume de resíduos têxteis.

Na contramão desse modelo, a sericicultura destaca-se como uma prática de baixo impacto ambiental. Baseada no cultivo perene de amoreiras, que contribui para a preservação do solo, essa atividade apresenta menores emissões de carbono em comparação a outras fibras da cadeia têxtil e favorece a conservação ambiental e dos recursos naturais locais (Mushtaq *et al*., 2023).

Cabe ressaltar que a sericicultura permite a inserção de seus subprodutos em outros ciclos produtivos, contribuindo para a minimização dos impactos ambientais e promovendo a economia circular. Nesse sentido, Altman *et al*. (2022)

ressaltam o uso sustentável desses subprodutos, evidenciando seu potencial de reaproveitamento em diversas aplicações, tais como:

- Folhas de amoreira: utilizadas na alimentação humana e animal (ricas em antioxidantes e proteínas).
- Pupas do bicho-da-seda: consumidas em países asiáticos, apresentam elevado teor proteico e ácidos graxos essenciais.
- Fibroína solúvel: tecnologia recente permite extrair fibroína de forma sustentável para substituir plásticos derivados de petróleo.
- Casulos de segunda qualidade: viabilizam produção artesanal e agregação de valor em cadeias criativas.

Esses são apenas alguns dos benefícios associados à sericicultura, sendo igualmente relevante destacar seu potencial para a geração de renda entre pequenos produtores rurais. No âmbito ambiental, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecem diretrizes fundamentais para a promoção de práticas produtivas mais sustentáveis. Nesse contexto, torna-se pertinente evidenciar as contribuições da sericicultura para o cumprimento desses objetivos.

Tabela 1 - ODS atendidos na produção da sericultura

ODS	Contribuição da Sericicultura
ODS 1 – Erradicação da Pobreza	Geração de renda estável para comunidades vulneráveis.
ODS 3 – Saúde e Bem-Estar	Propriedades medicinais das folhas de amoreira.
ODS 4 – Educação de Qualidade	Treinamentos vocacionais em sericicultura.
ODS 5 – Igualdade de Gênero	Alto índice de participação feminina no setor.
ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico	Aumento do PIB e oportunidades de emprego.
ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura	Desenvolvimento de produtos de seda e fortalecimento da indústria têxtil artesanal.
ODS 13 – Ação Climática	Plantação de amoreiras melhora a qualidade do ar e captura carbono.
ODS 10 – Redução das Desigualdades	Inclusão social e econômica de pequenos produtores.

Fonte: Mushtaq et al. (2023, p. 203).

A análise das contribuições da sericicultura para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) evidencia o caráter multidimensional e integrado dessa atividade produtiva, especialmente no contexto de pequenas propriedades rurais. Conforme análise de Mushtaq *et al.* (2023), os impactos positivos da sericicultura nos ODS são particularmente relevantes em contextos como o brasileiro, marcado por desigualdades rurais e alta vulnerabilidade social. A geração de renda estável (ODS 1) é um dos aspectos mais expressivos da sericicultura, uma vez que ela oferece remuneração periódica às famílias produtoras, contribuindo diretamente para a erradicação da pobreza e a permanência da população no meio rural.

No campo da saúde e bem-estar (ODS 3), a sericicultura também se destaca, sobretudo pela utilização das folhas da amoreira (Morus alba), cuja composição rica em antioxidantes e proteínas tem propriedades medicinais já reconhecidas, com potencial para aplicações na alimentação humana e animal. Além disso, a atividade fomenta processos formativos por meio de capacitações técnicas e treinamentos vocacionais, atendendo ao ODS 4 ao promover acesso ao conhecimento técnico, valorizando o saber local e fortalecendo a autonomia produtiva das famílias envolvidas.

A participação expressiva de mulheres na cadeia produtiva da seda é um indicativo relevante de sua contribuição para o ODS 5 (Igualdade de Gênero). A natureza da atividade, que exige trabalho cuidadoso e pode ser realizada em ambiente doméstico ou próximo à residência, facilita a inserção feminina, promovendo inclusão produtiva com respeito à dinâmica familiar.

A sericicultura também impacta positivamente o ODS 8 ao criar empregos dignos, com condições de trabalho mais estáveis do que muitas culturas agrícolas tradicionais, além de contribuir para o crescimento econômico regional, sobretudo em estados como o Paraná, onde a atividade já está consolidada. Complementarmente, ao incentivar o desenvolvimento de produtos de valor agregado, como peças artesanais ou artigos de moda sustentável, a cadeia da seda também reforça o

ODS 9 ao promover inovação e fortalecer infraestruturas produtivas locais, como cooperativas, associações e microindústrias têxteis.

Do ponto de vista ambiental, a sericicultura contribui com o ODS 13 (Ação Climática), uma vez que o cultivo da amoreira (planta perene) colabora para a conservação do solo, melhora a qualidade do ar e atua como sumidouro de carbono, mitigando os efeitos das mudanças climáticas.

Por fim, ao integrar pequenos produtores a cadeias de valor e permitir sua participação em mercados mais amplos, inclusive por meio do artesanato com casulos de segunda qualidade, a atividade contribui diretamente para a redução das desigualdades (ODS 10), promovendo inclusão econômica e social.

Assim, observa-se que a sericicultura, quando orientada por práticas sustentáveis, não apenas atende a múltiplos ODS, mas também se configura como um modelo produtivo capaz de conciliar viabilidade econômica, justiça social e preservação ambiental, pilares centrais do desenvolvimento sustentável.

Cabe ainda destacar a percepção dos próprios sericicultores acerca da atividade sericícola e dos benefícios que ela proporciona às suas famílias, especialmente em contextos de pequenas propriedades rurais. Para evidenciar essa perspectiva, recorre-se a trechos de entrevistas coletadas na tese de Barcelos (2020), intitulada “Modelo de desenvolvimento integrado de sustentabilidade: análise do ciclo de vida da seda no sistema de valor da moda”.

De acordo com Barcelos (2020), os sericicultores relatam que iniciaram a atividade sericícola porque outras atividades da agricultura, de modo geral, eram pouco rentáveis, pelo que não viam outra saída a não ser trabalhar com a sericicultura, pois tudo estava muito ruim. A expressão “muito ruim” se refere ao valor de venda dos produtos agrícolas. Alguns relatam também que iniciaram essa atividade por terem sido criados no meio da lavoura e que gostam muito do sítio.

Nesse sentido, os sericicultores buscavam uma renda melhor, para que pudessem manter seus compromissos financeiros em dia, como, por exemplo, o sustento da família, tendo encontrado na sericicultura uma saída. Muitos sericicultores também foram influenciados a entrar nessa atividade pelos familiares, como sogros ou pais. À medida que foram envelhecendo, sua descendência assumiu a responsabilidade de dar continuidade à atividade sericícola da família. Para aqueles que trabalham com a sericicultura há certo tempo, afirmam fazer o que gostam.

Outro fator que influencia a opção dos produtores pela sericicultura é a adequação da atividade ao tamanho reduzido das propriedades rurais. Por não exigir grandes extensões de terra, a sericicultura torna-se uma alternativa viável para pequenos agricultores, diferentemente de culturas como soja, milho ou mandioca, que demandam áreas amplas e maior investimento. Além da compatibilidade com propriedades de pequeno porte, a atividade oferece renda mensal relativamente estável, aspecto fundamental para famílias que dependem diretamente da terra para seu sustento. Esse fluxo contínuo de remuneração, muitas vezes comparável ao de ocupações urbanas, é o principal motivo que explica a permanência dos produtores na sericicultura.

A sericicultura possibilita ao produtor conciliar outras atividades agrícolas, permitindo o desenvolvimento de culturas paralelas. Essa diversificação amplia as oportunidades de geração de renda e contribui para um gerenciamento mais eficiente, tanto da produção quanto das condições financeiras da família (Barcelos, 2020).

Além disso, a atividade oferece maior autonomia aos produtores, que podem organizar seu próprio tempo de trabalho sem a rigidez de horários característica do emprego formal. Essa flexibilidade, desde realizar pequenas pausas ao longo do dia até planejar livremente as etapas da produção, reforça a sensação de liberdade, ao mesmo tempo em que atribui ao sericicultor a responsabilidade direta por sua remuneração, condicionada à sua dedicação, organização e esforço.

Por ser majoritariamente desenvolvida no contexto da agricultura familiar, a sericicultura também cria oportunidades que favorecem a melhoria socioeconômica das famílias envolvidas. Entre elas, destacam-se a ampliação da mão de obra local, o fortalecimento da sucessão familiar, a participação em associações, bem como o estímulo ao desenvolvimento de pesquisas e à implementação de melhorias no setor.

Na sericicultura, as associações desempenham um papel importante ao facilitar a troca de informações e experiências relacionadas à produção, além de fortalecer o grupo de produtores na busca por melhorias junto ao governo, às agências financeiras e aos canais de divulgação e comercialização de seus produtos e coprodutos. No entanto, nem todas as microrregiões produtoras contam com associações organizadas (Barcelos, 2020).

Para os sericicultores, desenvolvimento sustentável significa garantir condições para que as famílias permaneçam no campo, usufruindo de uma vida mais saudável e distante da rotina dos grandes centros urbanos. Envolve também o crescimento conjunto enquanto família, com a construção de uma nova mentalidade orientada pela estabilidade e pela possibilidade de contar com uma renda contínua. Nesse sentido, a sustentabilidade está associada a múltiplos fatores, como a parceria entre produtores, e compreende a integração entre ambiente, pessoas e geração de renda (Barcelos, 2020).

Para os sericicultores, o desenvolvimento sustentável permeia diferentes dimensões da atividade, desde conduzir a produção com eficiência, gerando renda para a família, até zelar pela propriedade e manter um ambiente preservado e visualmente agradável. As famílias envolvidas na sericicultura compreendem que ser sustentável significa utilizar os recursos naturais de forma consciente, garantindo que possam continuar sendo utilizados no futuro sem causar danos. Na percepção dos produtores, investir na lavoura também contribui para a sustentabilidade,

assim como a ideia de continuidade, entendida como um processo permanente, associado à igualdade e à manutenção das condições de produção (Barcelos, 2020).

Observa-se, portanto, que, além de dialogarem com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, os próprios sericicultores reconhecem o caráter sustentável de sua atividade. Nesse contexto, destaca-se a importância do uso responsável dos subprodutos já mencionados. Entre eles, merece atenção o casulo de segunda qualidade, geralmente comercializado por um valor muito baixo, mas que pode ser reaproveitado artesanalmente, agregando valor à produção e fortalecendo o trabalho das famílias sericicultoras.

O ARTESANATO DE SEDA DE SEGUNDA QUALIDADE

O trabalho artesanal acompanha a sociedade humana desde os tempos antigos, especialmente no campo da tecelagem. Chataignier (2009) destaca que o ato de tecer é inerente à experiência social e permanece presente tanto na produção industrial quanto na artesanal.

Para Yabanigül (2025), a trajetória do artesanato, desde sua função primordial, voltada à sobrevivência humana, até sua configuração contemporânea como forma de expressão criativa integrada à tecnologia, é marcada pela evolução de técnicas e pela incorporação de ferramentas que auxiliam o processo produtivo. A autora fundamenta sua análise nos conceitos gregos de téchne (habilidade prática) e epistéme (conhecimento teórico), evidenciando como ambos se entrelaçam no fazer artesanal.

Segundo a autora, o artesanato exige equilíbrio no uso de tecnologias: “as máquinas devem ser utilizadas como ferramentas, e não como substitutas da habilidade e criatividade humanas. Quando usadas adequadamente, a tecnologia pode aumentar a precisão e a eficiência, preservando o envolvimento do artesão”

(Yabanigül, 2025, p. 25). Atualmente, práticas artesanais incorporam tecnologias e materiais inovadores, ampliando possibilidades de criação.

Um aspecto central do artesanato é seu papel na preservação de tradições e práticas culturais. Como argumenta Freitas (2017), o artesanato contribui para a geração de renda e para o desenvolvimento sustentável, uma vez que muitas matérias-primas podem ser recicladas ou reaproveitadas.

Pode-se dizer que o artesanato apresenta dupla condição: ser predominantemente manual e oferecer liberdade ao artesão em aspectos como ritmo produtivo, formas e ferramentas (Lima, 2005). Considerando a produção de seda no noroeste do Paraná e seus subprodutos, como casulos manchados, amarelados ou disformes, é possível desenvolver produtos artesanais que valorizem a cultura sericícola.

A seda brasileira, reconhecida mundialmente, pode ser exportada ou incorporar produtos de moda com alto valor agregado, aumentando o retorno do investimento (Barcelos, 2020). O design têxtil e de moda deve integrar-se à cadeia de valor, inclusive no uso de matéria-prima de segunda qualidade, cujo valor pode ser ampliado por criatividade e design.

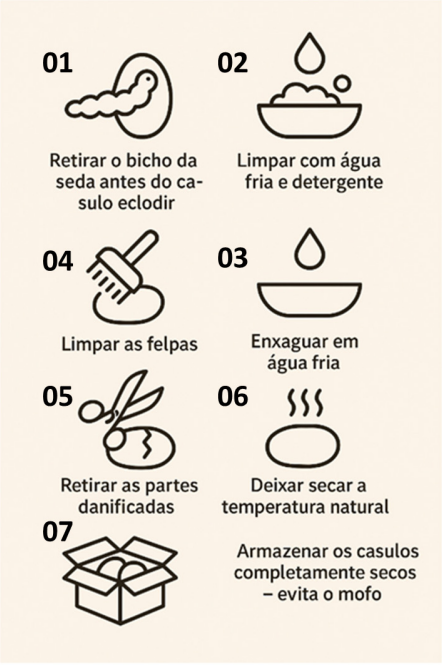
A utilização de casulos de segunda qualidade fortalece a permanência do sericicultor no campo, amplia renda familiar e incentiva o envolvimento comunitário. Muitos materiais descartados ou vendidos a baixo preço podem gerar renda quando reintegrados a novos ciclos produtivos (Freitas, 2017). Casulos desclassificados representam perda significativa ao produtor, e sua venda não é rentável; por isso, seu uso artesanal se torna alternativa relevante.

Giacomim (2018) apresenta exemplos de uso da seda de segunda qualidade na produção de fios e tecidos por métodos artesanais ou semiindustriais, como na empresa “O Casulo Feliz”. Borges (2019) reforça que técnicas manuais, tingimento,

macramê, tecelagem, podem elevar o valor final do produto e contribuir para a geração de renda no setor sericícola.

O artesanato exige domínio técnico e conhecimento profundo do material. Para Yabanigül (2025), atuar no processo artesanal envolve habilidade, destreza e entendimento das limitações e potencialidades do material. O preparo adequado dos casulos é fundamental para bom aproveitamento. Antes de iniciar o processo artesanal, o material deve ser preparado de forma adequada, garantindo melhor qualidade e aproveitamento na produção.

Figura 1 - Preparo dos casulos de seda de segunda qualidade para uso artesanal



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Concluída a higienização, cabe ao artesão aplicar seu saber técnico e criativo na conversão da matéria-prima em novos itens. Nesse cenário, destaca-se a produção de acessórios utilizando casulos de segunda qualidade, dada sua estética singular e viabilidade econômica.

Figura 2 - Acessórios artesanais (brincos e colares) produzidos com casulos de seda de segunda qualidade



Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

A Figura 2 ilustra algumas possibilidades de desenvolvimento de acessórios, como brincos e colares, utilizando casulos de seda de segunda qualidade. Para a produção desses itens, os casulos foram cuidadosamente cortados a fim de remover manchas e imperfeições, conferindo ao material um aspecto mais uniforme. A combinação com fios encerados e miçangas contribui para a criação de acessórios com estética moderna e despojada, ampliando seu apelo comercial.

Para que sericicultores e famílias desenvolvam esses produtos, é essencial implementar formações voltadas à capacitação técnica. O domínio de habilidades específicas é fundamental, uma vez que o artesanato, exige mais que execução manual: requer entendimento do material, suas limitações e possibilidades, noções de design e criatividade que garantam uma estética atrativa ao consumidor.

Freitas (2017) ressalta que técnica e criatividade devem caminhar juntas para garantir qualidade estética. Assim, o artesanato com casulos de segunda qualidade constitui estratégia viável de agregação de valor e diversificação da renda. Barcelos (2020) reforça que, embora vendidos a baixo preço, esses casulos tornam-se significativamente mais valorizados quando usados em acessórios artesanais. Outro aspecto relevante do artesanato refere-se ao ciclo de vida dos produtos. A produção artesanal deve priorizar durabilidade, evitando itens descartáveis e alinhando-se ao consumo consciente.

A sericicultura tem se mostrado atividade fundamental para a sustentabilidade de pequenas propriedades no Paraná. Muitos produtores encontram na criação do bicho-da-seda forma de garantir renda mensal e autonomia (Barcelos, 2020).

O reaproveitamento de casulos de segunda qualidade transforma materiais de baixo valor em produtos de alto apelo comercial, fortalecendo vínculos territoriais e saberes tradicionais. Além disso, cria oportunidades especialmente para mulheres e jovens, fortalecendo a articulação entre moda, artesanato e sericicultura ao mesmo tempo em que respeita o meio ambiente e promove práticas sustentáveis alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cultivo da seda revela-se alternativa estratégica para o desenvolvimento econômico sustentável no meio rural brasileiro. Sua versatilidade, tanto na moda quanto no artesanato, agrega valor à produção local e fortalece cadeias produtivas mais justas. Os dados analisados demonstram que o fio de seda, reconhecido por sua qualidade e potencial mercadológico, representa uma importante oportunidade de geração de renda para pequenos produtores, favorecendo a permanência das famílias no campo.

Verifica-se que o engajamento de instituições públicas e privadas, aliado à capacitação técnica dos produtores e ao incentivo à economia criativa, desempenha papel central no fortalecimento da sericicultura. A seda, como matéria-prima nobre e sustentável, tem potencial para ocupar espaço privilegiado em nichos que valorizam produtos artesanais, rastreáveis e ambientalmente responsáveis.

Conclui-se que o investimento na sericicultura, articulado a políticas de fomento à agricultura familiar e à economia criativa, pode transformar realidades locais ao promover emprego, renda e valorização cultural. O elo entre moda e artesanato ultrapassa o aspecto estético, configurando-se como ferramenta estratégica de desenvolvimento territorial e promoção da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, G. H.; FARRELL, B. D**.** Sericulture as a sustainable agroindustry. *Cleaner and Circular Bioeconomy*, [*s. l.*], v. 2, p. 100011, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.clcb.2022.100011.

AMORIM, G.; MARTINS, C.; WEBER, L. M.; PASTRO, M. L**.** Paraná-destaques econômicos. *Análise conjuntural*, Curitiba, v. 28, n. 9-10, p. 23-29, 2006. Disponível em: https://www.ipardes.pr.gov.br/sites/ipardes/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/AConj_28.9-10_set_out_2006.pdf. Acesso em: 25 nov. 2015.

BARCELOS, S. M. B. D. *Modelo de desenvolvimento integrado de sustentabilidade*: análise de ciclo de vida da seda no sistema de valor da moda. 2020. Tese (Doutorado em Sustentabilidade) – Universidade do Minho, Braga, 2020. Disponível em: https://hdl.handle.net/1822/77127.

BEM, N. A.; LINKE, P. P. Impactos ambientais das fibras de algodão e poliéster na indústria da moda. *Novos Cadernos Naea*, Belém, v. 23, p. 299-324, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v26i2.13030

BERLIM, L. *Moda e sustentabilidade*: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BORGES, A**.** *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br. Acesso em: 11 out. 2022.

CHATAIGNIER, G. *Fio a fio*: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras, 2009.

CIRIO, G. M**.** *Sericicultura no estado do Paraná*. Brasília, DF: SEAB; DERAL, 2014. Disponível em: http://www.agricultura.pr.gov.br/Pagina/Boletins-Conjunturais. Acesso em: 7 dez. 2016.

DERAL - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL. *Prognóstico Agropecuário*: sericicultura 2021. Curitiba: SEAB/DERAL, 2021. 9 p. (Relatório Anual, v. 13, n. 40). Disponível em: https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2022-01/vol_13_n_40_2021_prognostico_agropecuario_sericicultura.pdf . Acesso em: 23 maio 2024.

DERAL - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL. *Prognóstico Agropecuário*: sericicultura 2022/2023. Curitiba: SEAB/DERAL, 2022. (Série Prognósticos, v. 14, n. 48). Disponível em: https://www.agricultura.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2023-02/vol_14_n_48_sericicultura_relatorio_anual_2022_1.pdf Acesso em: 23 maio 2024.

DIDDI, S.; YAN, R. N.; BLOODHART, B.; BAJAC-CARTER, M.; KNOWLTON, A. Exploring consumer sustainable fashion consumption behaviors using social cognitive theory. *Socio-Ecological Practice Research*, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 33-46, 2019. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s42532-019-00009-1. Acesso em: 4 abril 2025.

FREITAS, A. L. C. *Design e artesanato*: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2017.

GIACOMIN, A. M. *Dinâmica da inovação da sericicultura no Brasil*. 2018. Dissertação (Mestrado em Moda) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-14102018-180657/pt-br.php. Acesso em: 11 jul. 2019.

LIMA, R. *Artesanato*: cinco pontos para a discussão. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2005. Disponível em: http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato__Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf. Acesso em: 14 out. 2021.

LINKE, P. P**.** Moda (in) sustentável?. *Projetica*, Londrina, v. 12, n. 2, p. 39-69, 2021.

MISACHI, J. How many types of silk are there?. *WorldAtlas*, 2017. Disponível em: https://www.worldatlas.com/articles/how-many-types-of-silk-are-there.html. Acesso em: 20 nov. 2019.

MUSHTAQ, R.; QADIRI, B.; LONE, F. A.; RAJA, T. A.; SINGH, H.; AHMED, P.; SHARMA, R. Role of sericulture in achieving sustainable development goals. *Problemy Ekorozwoju*, Lublin, v. 18, n. 1, 2023.

PANUCCI-FILHO, L.; CHIAU, A. V.; PACHECO, V. O custo da sericicultura: a produção de casulos de bicho-da-seda no Paraná. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*, Maringá, v. 4, n. 1, p. 37-55, 2011. Disponível em: http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/rama/article/view/1747/1185. Acesso em: 25 nov. 2015.

PENNACCHIO, H. L. Casulo de seda. *Indicadores da agropecuária Conab*, [*s. l.*], v. 25, n. 10, p. 1-114, 2016. Disponível em: https://www.conab.gov.br/info-agro/precos/revista-indicadores-da-agropecuaria?start=30. Acesso em: 14 fev. 2019.

SANTOS, K. L.; ABRANTES, R. S. X.; SANTOS, C. L. A.; SOARES, D. M. A.; LOIOLA, M. V. C.; LIMA, P. M. F.; SANTOS, E. L. A. Sericicultura: colhendo os frutos da criação do bicho-da-seda. *Informativo Técnico do Semiárido,* Pombal, v. 10, n. 2, p. 62-68, 2016. Disponível em: https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/4572. Acesso em: 17 jul. 2017.

SERICICULTURA. *Abraseda*, Londrina, 2018. Disponível em: https://abraseda.wixsite.com/abraseda/nucleos. Acesso em: 28 abr. 2019.

YABANIGÜL, M. N. The evolution of craftsmanship from necessity to creativity. *JCoDe: Journal of Computational Design*, Istanbul, v. 6, n. 1, p. 21-36, 2025. DOI: https://doi.org/10.53710/jcode.1512699.